

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

EDUCAÇÃO ESCOLAR E AÇÃO DOCENTE: OLHARES DA PANDEMIA¹

SCHOOL EDUCATION AND TEACHING ACTION: PANDEMIC LOOKS

Eloísa de Souza Borkenhagen Bohrer²

¹ Texto produzido para a disciplina Educação Contemporânea e Racionalidade do curso de Doutorado em Educação nas Ciências

² Professora no curso de Educação Física da UNIJUI; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 será um momento marcante da história de todos que por ele passaram. Minha impressão é de que jamais tenha me sentido tão cidadã do mundo, tão frágil, mas também tão potente. Vimo-nos tomados por um trágico acontecimento que definitivamente provou que o mundo é um só, que os ventos de pandemia que sopram lá, sopram aqui. Ventos impetuosos que tiraram tudo do lugar fizeram com que as folhas secas que se acumulavam em nossas janelas e impediam uma visão atenta da realidade se espalhassem de pronto e nos fizessem estarrecer diante de tantos detalhes. Em meu contexto, nenhum deles foi tão revelador como o da educação escolar e da atuação docente. Eu os vi ali, sozinhos, com olhares perdidos, uma mão estendida e a outra sustentando juntas as bagagens de suas histórias.

Essa imagem revisita desde então minha memória inquietando minha condição de educadora e, portanto, meu compromisso com a educação brasileira. Os ventos de pandemia trouxeram a minha janela Edgar Morin, arquiteto da teoria da complexidade. Flores de esperança começaram a brotar desde então, em meio a uma paisagem já desflorada e me desafiaram a assim como ele, perceber conexões, e a melhor compreender que nossa identidade humana é constituída numa relação dialógica da tríade indivíduo/espécie/sociedade (MORIN, 2000). Assim, neste texto apresento uma singela empreitada teórico-reflexiva que contribua ao desafio de repensarmos o sentido da atuação docente para uma educação do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: educação escolar; ação docente; pandemia; teoria da complexidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão descritiva de cunho bibliográfico a partir da obra de Edgar Morin *Os sete saberes necessários para a Educação do Futuro* (2000) produzido na disciplina de Educação Contemporânea e Racionalidade do curso de doutorado em Educação nas Ciências da Unijui.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obra tida como referência para a elaboração deste texto nos convida a uma incursão reflexiva

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

profunda e desconcertante sobre o que vem sendo a educação escolar brasileira e a atuação docente, especialmente quando as tomamos em relação a este contexto de pandemia.

Repentinamente nos vimos imersos em um contexto no qual “não cabia” a forma de ensinar que até ontem nos acompanhava. Imediatamente o que nos toma é o desespero pela incerteza de uma decisão que precisou ser imediata, mas que até então “não cabia” em nós. Definitivamente, uma virada paradigmática pairava no ar, soprada nos fortes ventos originados na pandemia que nos conduziu a beira de um abismo, do qual sabíamos desde muito a existência, mas que agora, implacavelmente nos obriga a pensar sobre as formas de não sucumbir a ele.

A situação revelou ao menos duas importantes percepções na sociedade em geral: a de que o lugar da escola e o papel do(a) professor(a) são imprescindíveis para a educação humana. Por outro lado, como anunciamos anteriormente, percebeu-se que há a necessidade de repensarmos o lugar da escola e da atuação do(a) professor(a) segundo este novo contexto. A construção de alternativas para a saída da “beira do abismo” funde-se a condição de intelectuais críticos e reflexivos (PIMENTA, LIMA, 2017) que define a identidade profissional do(a) professor(a). Assim, os ideais teóricos que têm sustentado o fazer - docente e os saberes oriundos desta experiência (práxis) são tomados como ponto de partida na busca por um re-lugar da escola e do ensino-aprendizagem escolar num contexto inédito, alicerçado tecnológica e digitalmente.

Ensinar e aprender neste contexto tecnológico e digital parece ter estremecido as relações didáticas, metodológicas e epistemológicas de tal forma que nos fizeram desconfiar da pertinência dos conhecimentos que até então recheavam nossos planejamentos. De repente, percebemos que há outros conhecimentos necessários a nós professores(as) e aos(as) alunos(as) que precisam ser aprendidos e tomados de pronto. De repente, somos levados forçosamente a entender que um projeto educativo sólido se constrói sob a clareza teórica inter-multi-transdisciplinar, no estudo contínuo pelos envolvidos, na reflexão sistemática e coletiva, na avaliação emancipatória e na re-ligação de saberes, que devem permitir ir muito além de um estudo de conceitos compartimentalizados, descontextualizados.

Práticas pedagógicas que se sustentavam na concretude de um espaço, de um material (como por exemplo, o da quadra esportiva e da bola, no caso da Educação Física) sem uma proposta teórico-prática para seus conteúdos, sucumbiram de imediato. Revelaram, por vezes, problemáticas anunciadas desde muito, e que, queiramos ou não, foram postas em evidência ao julgamento da sociedade. De repente, o olhar da sociedade para o que, por que e como ensinar em relação ao cenário pandêmico coloca a educação humana no centro das discussões mundiais vinculadas ao futuro do planeta.

Foi neste cenário caótico que conheci a teoria da complexidade arquitetada por Edgar Morin. A

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

primeira pergunta que me tomou ao ter o nome dela revelado foi: quem precisa de mais complexidade diante do caos? Essa impressão esvaeceu logo que desbravei as primeiras páginas de sua obra “Os sete saberes necessários a educação do futuro” (MORIN, 2000). Um estudioso que à luz de seus 99 anos re-anuncia com tamanha serenidade e propriedade sua encantadora visão de sociedade e de educação, o que para ele significa antes de mais nada um profundo processo de reforma – “não existe, portanto, inovação e transformação sem regeneração” (MARTINAZZO, 2019, p.4).

Ao apresentar a teoria da complexidade como uma possibilidade de repensar os rumos, as vias para uma educação do futuro Morin defende a ideia de que há sete saberes “fundamentais” que deveriam ser tratados em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura. O embasamento de sua teoria defende uma revisão no campo das ideias sobre a elaboração do conhecimento em defesa do que ele chama de “buracos negros” que existem e devem ser considerados na organização do pensamento, das instituições de ensino, dos currículos, dos professores, dos alunos (MORIN, 2000).

De acordo com Morin (2000) os sete saberes a serem considerados e pensados na organização do conhecimento para a educação do novo milênio seriam: Considerar erros e ilusões constantes nas concepções humanas; Construir o conhecimento pertinente; Reaprender a nossa própria condição humana; Reconhecer nossa identidade terrena; Enfrentar as incertezas constantes no conhecimento científico; Ensinar a compreensão por meio de diálogo e do entendimento; Discutir e exercitar a ética.

A pertinência destes enunciados teóricos em relação ao contexto vivido chega a aproximá-los de uma anunciação apocalíptica. Como não considerar a necessidade de ensinar aos sujeitos cidadãos do mundo o exercício da racionalidade aberta, aquela capaz da autocrítica, da investigação, da dúvida num contexto tão disforme, de discursos tão díspares? Nada mais profícuo do que entender que somos constituídos pelo *imprinting* cultural, marca matricial que inscreve o conformismo a fundo, e a normalização que elimina o que poderia contestá-lo (MORIN, 2000, p.28). Quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.

Como não falarmos sobre a necessidade da educação pautar-se em conhecimentos pertinentes quando a condição de cidadão do mundo revela a necessidade da desterritorialização geográfica pela digitalidade das relações humanas e das culturas? De acordo com Morin (2000, p. 36), a educação deverá tornar os conhecimentos pertinentes permitindo que fique visível neles o contextual, o global, o multidimensional e o complexo (as relações/conexões nele contidas). Morin (2000, p.35) faz uma abordagem sobre “os princípios do conhecimento pertinente”, e afirma que

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

“existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais” (MORIN, 2000, p.14). Assim, “a supremacia do conhecimento fragmentado [...] impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (MORIN, 2000, p.14).

O cenário de pandemia amplia a importância do que Morin (2000) chama de ensinar a condição humana (o terceiro dos sete saberes), que permite nos compreendermos a um só tempo como ser físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico (MORIN, 2000, p. 15). O isolamento social tem revelado lados obscuros de nossa humanização e ao mesmo tempo, necessidades nem sempre compreendidas desta forma. No sentido do desenvolvimento do ser humano “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana [...]. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (MORIN, 2000, p.47).

Ensinar a identidade terrena, tal qual anuncia Morin (2000) como o quarto saber necessário à educação do futuro se revelou incrivelmente neste momento em que vivemos a incidência de um vírus entrelaçado ao descompasso de nossas ações para com os cuidados dos recursos naturais. É preciso que compreendamos “tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano, que, ao longo da história moderna, se tornou condição da era planetária” (MORIN, 2000, p. 63). É preciso educar para a consciência antropológica, que reconhece a unidade na diversidade; para a consciência ecológica, isto é, a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera); para a consciência cívica terrena, isto é, da responsabilidade e da solidariedade para com os filhos da terra; para a consciência espiritual da condição humana que decorre do exercício complexo do pensamento e que nos permite, ao mesmo tempo, criticar-nos mutuamente e autocriticar-nos e compreender-nos mutuamente (MORIN, 2000, p.76-77).

A fragilidade da vida humana em relação à corona vírus mesmo em tempos de cientificidade apurada nos leva a entender o quinto saber à educação humana anunciado por Morin (2000): o de enfrentar a incerteza do conhecimento científico. As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas igualmente revelaram, ao longo do século XX, inúmeras zonas de incerteza, portanto, a grande conquista da inteligência seria poder enfim se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível (MORIN, 2000, p.79). Segundo Morin (2000, p. 91) seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo.

Ensinar a compreensão por meio do diálogo, o sexto saber anunciado por Morin (2000), nos



Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

conduz a necessidade de uma reforma do pensamento ou das mentalidades que é imprescindível para uma reforma do conhecimento e da educação.

A concepção simplificadora, reducionista e disjuntiva do modelo de ciência clássica torna-nos incapazes de contextualizar os fatos e fenômenos, de religar as partes que constituem um todo, de perceber a intersolidariedade do mundo e, por esta razão, produz uma cegueira de pensamento que nos torna inaptos para compreender os fenômenos globais e planetários. A reconstrução intelectual tem a pretensão de superar o estágio de concepção simplificadora e passar a um horizonte mais amplo de compreensão com base no pensamento complexo. A reforma do pensamento, portanto, está intrinsecamente interligada com todo o processo pedagógico e deve ser compreendida como uma pré-condição e, de certa forma, como um propósito do ato de educar (MARTINAZZO, 2019, p. 7).

Dialogar, debater, problematizar são verbos muito conhecidos para aqueles que trabalham com a educação escolar e com os princípios de uma formação crítica. No entanto, estes mesmos verbos representam objetivos por vezes utópicos considerando a diversidade dos contextos escolares e dos sujeitos que os constituem. Falamos em autonomia, mas não conseguimos nos mover sem o poder dos discursos (você deve andar sozinho, mas nunca vá por ali!!) e negando voz ao currículo da vida no currículo escolar. Falamos em criticidade, mas não conseguimos entender como fazer isto sem ser autoritário demais, pois algumas questões não cabem ser feitas na escola. Falamos em cidadania numa escola em que as diferenças continuam sendo vistas como problema. Falamos de uma educação libertadora que tem aprisionado mais e mais os sujeitos às suas cadeiras, negando a potência do corpo no processo de construção do ensino e da aprendizagem, alimentando o método cartesiano de ser.

Por fim, discutir e exercitar a ética, o sétimo saber anunciado por Morin (2000), surge como a cereja do bolo. O sentido da ética que o autor nos propõe compreender é aquela que tem a humanidade como destino planetário, a democracia e a antropológico-ética como as bases para estabelecer possibilidades. Morin (2000, p. 106) aponta para isso a necessidade de decisão consciente e esclarecida sobre “assumir a condição humana indivíduo/sociedade/espécie na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos em nossa consciência pessoal e assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude”. Assim, cabe pensarmos a educação escolar e a ação docente como fatores determinantes para a mudança. O que nos move neste desafio que por hora nos aventuramos junto ao curso de doutorado é o de não aceitar que a ação docente incorra em práticas pedagógicas mutilantes, pois entendemos que o papel dela seja o de formar cidadãos com capacidades de organizar e processar o conhecimento para compreender o viver e o conviver em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Edgar Morin e sua obra “Os sete saberes necessários a educação do futuro” nos conduzem a um caminho sem volta: a conscientização da responsabilidade para com o futuro da vida planetária e a educação democrática e antropológica como um fator determinante para a construção das possibilidades e enfim “Ensinar a viver” (parodiando o título de outra obra do autor). Fica o compromisso de não abandonar este importante aprendizado que a teoria da complexidade inaugura em meu pensar – por mais “Cabeças bem-feitas” (MORIN, 2000a) construindo “A via para o futuro da humanidade” (MORIN, 2013).

REFERÊNCIAS

MORIN, E. Os Sete Saberes necessário à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

_____. A via para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação. Tradução Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015

MARTINAZZO, C. J. (2019). O sentido do ato de educar em Edgar Morin. *EDUCAÇÃO E FILOSOFIA*, 33(67). Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/39154>. Acessado em 27 de jun/2020.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 8 ed. ver., atua. e ampl. São Paulo: Cortez, 2017.

Parecer CEUA: 640.285